

“O que é um arminiano?” Antigos e novos caminhos a partir do pensamento de John Wesley

“What is an Arminian?” Old and New Paths from the Thought of John Wesley

*Vinicius Couto*¹

RESUMO

John Wesley escreveu um tratado intitulado “O que é um arminiano?”, publicado em 1770, a fim de trazer uma explicação clara da escola soteriológica derivada do pastor e professor neerlandês Jacó Armínio, que veio a ser conhecida como arminianismo. O texto foi escrito em tom conciliatório em meio às constantes controvérsias ocorridas entre os anglicanos que se identificavam como calvinistas e arminianos. Nele, Wesley explica o que, de fato, é o arminianismo, e chama seus leitores a buscarem o entendimento correto dessa tradição antes de tecerem críticas. Além disso, Wesley traz uma postura irênica no texto, chamando os dois lados para o respeito mútuo e para a fraternidade cristã. O presente ensaio se ocupa em analisar os acessos de Wesley ao pensamento de Armínio e do arminianismo, em destacar os antigos caminhos propostos por ele em seu tratado, e de explorar os novos caminhos desdobrados em sua concepção da ação da graça no ser humano, que proporciona – como resultado de alguém que corresponde à graça –, uma ação integral na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

John Wesley; Arminianismo; Graça.

ABSTRACT

John Wesley wrote a treatise entitled “What is an Arminian?”, published in 1770, in order to bring a clear explanation of the soteriological school derived from the Dutch pastor and teacher Jacob Arminius, which came to be known as Arminianism. The text was written in a conciliatory tone amid the constant controversies between Anglicans who identified themselves as Calvinists and Arminians. In the text, Wesley explains what Arminianism really is, and calls

¹ Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, pesquisador do Grupo de Pesquisa RIMAGO. Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil e Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professor da Faculdade Evangélica de São Paulo e do Seminário Teológico Nazareno do Brasil. E-mail: prviniciuscouto@yahoo.com.br

on his readers to seek a correct understanding of this tradition before criticizing it. Furthermore, Wesley brings an irenic stance to the text, calling both sides to mutual respect and Christian brotherhood. The present essay is concerned with analyzing Wesley's access to the thought of Arminius and Arminianism, highlighting the old paths proposed by him in his treatise, and exploring the new paths unfolded in his conception of the action of grace in the human being, which it provides – as a result of someone who corresponds to grace – an integral action in society.

KEYWORDS

John Wesley; Arminianism; Grace.

Introdução

O presente artigo retoma a discussão sobre a influência ou adesão arminiana por parte de John Wesley. Quando ele realmente se identificou como tal? Seria possível que ele tenha lido Armínio em fonte primária? Quais seriam os pontos de contato direto e indireto que Wesley teve com Armínio e o arminianismo? Essas são algumas perguntas que pretendemos responder ao longo deste ensaio. Além disso, também estamos interessados em averiguar qual era o entendimento de Wesley sobre o arminianismo a partir de seu tratado “O que é um arminiano”. Por meio desse texto, fazemos uma abordagem exploratória do pensamento de Wesley, apontando-os como antigos caminhos. Em seguida, o texto ainda apresenta novos caminhos do entendimento de Wesley sobre a ação da graça de Deus, por meio de noções que vão além do *modus operandi* presente no arminianismo clássico.

1. A questão do arminianismo de Wesley

Tem sido contestado o fato de Wesley ter sido um arminiano no sentido mais estrito da palavra, o que supostamente caberia apenas aos remonstrantes. As principais razões para isso são a sua adesão tardia ao rótulo – já que o periódico *Arminian Magazine* só começou a ser publicado em janeiro de 1778,² quando ele já tinha 74 anos de idade³ – e as diferenças teológicas entre Armínio e Wesley. Ao comparar Wesley e Armínio, Meeuwsen alegou que os remonstrantes estavam alinhados com Armínio, mas que Wesley não.⁴ Uma comparação ampla do pensamento de ambos os teólogos chegará a conclusões similares à de Meeuwsen, até porque Armínio foi um estudioso que ainda trabalhou muitos de seus pontos teológicos no estilo escolástico, algo que certamente difere da maneira como Wesley desenvolvera a sua teologia. No entanto, ao falar de

² Apesar de ser publicada somente em 78, “em novembro de 1777, Wesley decidiu enfrentar o desafio calvinista [...], produzindo ele próprio uma revista mensal” (HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. [Tradução: Cleide Zerlotti Wolf]. São Bernardo do Campo/Rio de Janeiro: Editeo/Pastoral Bennet, 1996, p. 268).

³ Ele estava a 6 meses de seu aniversário de 75 anos.

⁴ MEEUWSEN, James. Original Arminianism and Methodistic Arminianism Compared. *Reformed Review*, v. 14., n. 1, p. 21-36, 1960.

“arminianismo” neste ensaio, referimo-nos ao sistema teológico que discute o tripé doutrinário antropologia, hamartiologia e soteriologia, o que aproxima Wesley de Armínio, conforme veremos mais adiante. Tendo isso em vista, poderemos percorrer a abordagem de Wesley ter sido ou não um arminiano com mais clareza. Nossa avaliação introdutória nessa seção se dará a partir de dois pontos: (1) Contatos diretos que Wesley teve com literatura arminiana; e (2) A cultura familiar e o arminianismo inglês.

1.1. Contatos diretos com literatura arminiana

Outra questão que deixa até mesmo os herdeiros imediatos da tradição wesleyana com alguma dúvida é o quanto Wesley conhecia, em fonte primária, de Armínio, para saber com a devida clareza seu pensamento e estar, de fato, alinhado com ele. O metodista Albert Outler alegou que “o próprio Armínio nunca foi uma das fontes, de fato, decisivas de Wesley”.⁵ Gunter explica que “até recentemente, tem sido assumido de maneira ampla que Wesley não tinha conhecimento pessoal dos escritos de Armínio, e que seu arminianismo se dava de modo que ele respirava em um anglicanismo arminianizado”.⁶ No entanto, duas coisas são importantes de serem assinaladas: a primeira é que não é necessário haver uma dependência literária para se identificar com determinado ramo do cristianismo; e a segunda é que podemos especular um pouco mais sobre a possibilidade de Wesley ter lido Armínio.

Sobre a questão de Wesley ter lido Armínio, Pask comentou:

Conhecendo, como sabemos, a paixão de Wesley pelo “método” e sua consideração escrupulosa pela “verdade exata”, é de se esperar que ele não se contentasse com o conhecimento de segunda mão das visões do fundador da Escola Arminiana para a qual ele, Wesley, alegou pertencer. Mas é um fato interessante e bastante inesperado que em nenhuma parte de suas obras – cartas, sermões, diários, diários ou publicações – foi encontrada [...] qualquer evidência direta de que Wesley já leu duas palavras dos próprios escritos de Armínio.⁷

Embora Wesley não afirme explicitamente que tenha lido Armínio, Heitzenrater, em sua tese de doutorado, mencionou que Wesley comprou a obra *Directions for Studying*, de autoria do anglicano Thomas Bennet, após a data de 23 de novembro de 1730.⁸ Ele ainda comenta que essa obra começou a ser lida em 1 dezembro e que foi terminada em 24 de janeiro de 1731. Essa obra é importante porque Bennet cita um trecho pequeno da principal obra de Jacó Armínio, sua “Declaração de sentimentos”.⁹ A citação da “Declaração de sentimentos” corresponde aos cinco primeiros parágrafos do item “4. Os meus próprios pontos de vista a respeito da predestinação”.¹⁰ Bennet também cita integralmente a “Disputa Pública XV” de Armínio,

⁵ OUTLER, Albert (ed.). *John Wesley*. New York: Oxford University Press, 1964, p. 23.

⁶ GUNTER, Stephen. John Wesley: um fiel representante de Jacó Armínio. [tradução: Márcia Elias e Vinicius Couto]. Campinas, *Bona Conscientia*, v. 2, n. 2, p. 5, jul.-dez. 2019, p. 5.

⁷ PASK, A. H. Speedie. *The Influence of Arminius Upon the Theology of John Wesley*. Edinburgh: University of Edinburgh, 1939, p. 127.

⁸ HEITZENRATER, Richard P. *John Wesley and the Oxford Methodists, 1725-35*. Durham: Duke University, 1972, p. 351.

⁹ BENNET, Thomas. *Directions for studying*: I. A General System or Body of Divinity. II. The Thirty Nine Articles of Religion. London: James and John Knapton, 1727, p. 95-96.

¹⁰ Esse trecho está em: ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*, vol. 1. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 226-227.

intitulada “Sobre a predestinação divina”,¹¹ e ainda sugere a leitura dos Debates 40, 41, 42 e 43 de Armínio, respectivamente, “Sobre a predestinação dos cristãos”, “Sobre a predestinação dos meios para o fim”, “Sobre a vocação dos homens pecadores a Cristo, e a uma participação da salvação nele” e “Sobre o arrependimento pelo qual os homens respondem à vocação divina”.¹²⁻¹³

Wesley teve outro contato direto com a tradição arminiana – não necessariamente com Armínio. Trata-se de uma obra do remonstrante Simão Episcópio (1583-1643), em cujo trecho ele leu sobre o Sínodo de Dort. Ele mesmo relata sobre essa leitura, registrada em seu *Diário* como tendo ocorrido em 6 de julho de 1741:

Procurando um livro na biblioteca da [Lincoln] College, eu peguei, por acaso, as obras de Episcopius, e abri na página com um relatório sobre o Sínodo de Dort, pensei que poderia ser útil lê-lo inteiro. Mas que cenário se revela aqui! Não me surpreende a forte maldição que logo depois caiu sobre a nossa igreja e nação. Que pena que os santos Sínodos de Trento e o de Dort não se reuniram ao mesmo tempo. Quase aliados como eles eram, não somente em relação à pureza da doutrina que cada um deles estabeleceu, mas também segundo o espírito no qual eles atuaram! Se é que o último não excedeu o anterior.¹⁴

Somente com a publicação da *Arminian Magazine* é que Wesley menciona outras fontes importantes sobre Armínio e o arminianismo, bem como sobre o Sínodo de Dort. Já no primeiro volume, ele apresenta o discurso fúnebre de Petrus Bertius (1565-1629), que resumiu pontos importantes da vida de Armínio enquanto fazia sua preleção.¹⁵ Sobre essa breve biografia, Pask comenta que, “quase certamente Wesley leu esta oração em uma das coleções das obras de Armínio. Ela aparece nas edições de 1629 e 1635 (Frankfurt), qualquer uma das quais pode ter estado na biblioteca do Lincoln College ou de outra forma acessível a Wesley”.¹⁶ No mesmo volume, Wesley também trouxe um resumo do Sínodo de Dort por meio da narrativa do historiador remonstrante Gerard Brandt (1626-1685), que escrevera uma obra densa de quatro volumes sobre a história da reforma neerlandesa.¹⁷

1.2. A cultura familiar e o arminianismo inglês

Os dois textos anteriores são os contatos diretos que podemos encontrar de Wesley com Armínio e o arminianismo remonstrante. No entanto, ainda podemos apontar outro possível encontro direto: o remonstrante e jurista Hugo Grócio. Samuel Wesley, pai de John Wesley, escreveu uma carta em 26 de janeiro de 1725, recomendando a seu filho John a leitura de comentários bíblicos de Grócio, alegando que ele é o melhor autor que conhece, especialmente no

¹¹ Esse trecho de Armínio pode ser encontrado em: ARMÍNIO, 2015, vol. 1, p. 505-509.

¹² Essas obras de Armínio estão em: ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*, vol. 2. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 92-100.

¹³ BENNET, 1727, p. 96-99.

¹⁴ WESLEY, John. *The Works of John Wesley*, v. 19 – Journal and Diaries II (1738-1743). [editors: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1990, p. 204.

¹⁵ WESLEY, John. *Arminian Magazine: Consisting of extracts and original treatises on universal redemption*, vol. 1. London: J. Fry & Co., 1778, p. 9-17.

¹⁶ PASK, 1939, p. 131.

¹⁷ Cf. WESLEY, 1778, vol. 1, p. 18-28; 49-58; 97-107; 145-154.

que tange ao Novo Testamento.¹⁸ Sabemos que Samuel Wesley exerceu importantes influências teológicas em seu filho, John, desde alguma educação puritana,¹⁹ o ensino de idiomas clássicos como o hebraico, o grego e o latim,²⁰ ao uso do trilátero hookeriano.²¹ Também é importante notar que, Wesley publicou essa carta de seu pai no primeiro volume do *Arminian Magazine* de 1778, o que pode apontar para algum conhecimento familiar da tradição arminiana-remonstrante que vinha se desenvolvendo ao longo do século XVII. Não sabemos se John Wesley leu Grócio, mas sabemos que numa carta enviada a sua mãe, em 28 de fevereiro de 1729 ou 1730, ele elogiou outro metodista, Bob Kirkham, por administrar melhor o tempo a fim de ler o Novo Testamento grego e Hugo Grócio.²²

Tendo ou não lido Grócio, Cannon menciona que Wesley fazia parte de uma família cujos pais Samuel e Susanna pertenciam a uma escola chamada de “arminianismo inglês”.²³ Maddox afirma que “a maior parte do que Wesley chamou de ‘arminianismo’ era mais propriamente uma tradição inglesa nativa (que remontava a muito antes de Armínio) que afirmava um papel para a cooperação humana na salvação”.²⁴ De acordo com Stanglin, que é um estudioso da historiografia arminiana, o arminianismo inglês foi um movimento anti-calvinista independente que ocorreu durante o reinado de Elizabeth I (1558-1603), ou seja, até um pouco antes das primeiras controvérsias que Armínio lidou nos Países Baixos, que começaram em 1591 quando pregava uma série de sermões sobre a epístola de Paulo aos Romanos e chegou no sétimo capítulo dessa epístola.²⁵ Stanglin acrescenta, ainda, que o arminianismo inglês repudiava o calvinismo, especialmente aqueles axiomas mais rígidos, como a predestinação e a graça irresistível.²⁶

Esse arminianismo inglês é geralmente associado com Peter Baro (1534-1599), um ministro francês que foi ordenado ao ministério por João Calvino. No final da década de 1560 ele imigrou para a Inglaterra, onde pouco tempo depois começou a lecionar teologia. Em 1581 surgiu uma controvérsia com ele, pois alguns de seus alunos o acusavam de ser tolerante com

¹⁸ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 29.

¹⁹ Collins explica que, Susanna e Samuel Wesley usavam livros do puritano Richard Baxter na educação religiosa dos filhos e que tais obras como úteis para o crescimento espiritual, bem como para o amadurecimento cristão. Além disso, Collins ainda afirma que a herança puritana de John Wesley está na “preocupação com a disciplina, nos princípios e na boa ordem” (cf. COLLINS, Kenneth J. *John Wesley – a theological journey*. Nashville: Abingdom Press, 2003, p. 16, 28).

²⁰ Temos relatos dessa influência em BRAILSFORD, Mabel Richmond. *A tale of two brothers: John and Charles Wesley*. New York: Oxford University Press, 1954, p. 21.

²¹ Weeter explica que, Samuel Wesley afirmava que “todo aspirante ao clero seria bem sucedido se seguisse Hooker” (cf. WEETER, Mark L. *John Wesley’s view and use of Scripture*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2007, p. 28). O trilátero hookeriano era uma adaptação do trilátero luterano, com condicionantes: a Bíblia como fonte primária e diferentemente do uso *nuda Scriptura* dos puritanos, a tradição como fonte secundária e diferentemente do uso dos católicos e a razão como fonte secundária e diferentemente dos platonistas.

²² WESLEY, John. *Works of John Wesley*, vol. 25 – letters. [Editor: Frank Baker]. Oxford: Clarendon Press, 1980, p. 245-246.

²³ CANNON, William Ragsdale. *The Theology of John Wesley: with special reference to the doctrine of justification*. New York/Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1946, p. 45.

²⁴ MADDOX, Randy L. *Graça responsável: a teologia prática de John Wesley*. [tradução: Elisângela A. Soares]. São Bernardo do Campo: Editeo, 2019, p. 165.

²⁵ STANGLIN, Keith S. Arminianism. In: DYRNESS, William; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. *Global Dictionary of Theology: A Resource for the Worldwide Church*. Downers Grove: IVP Academic, 2008, p. 62. Sobre as controvérsias de Armínio em seu sermão sobre Romanos 7, ver BANGS, Carl. *Armínio – um estudo da reforma holandesa*. [tradução: Wellington Mariano]. São Paulo: Reflexão, 2015, p. 146.

²⁶ STANGLIN, 2008, p. 62.

o catolicismo e de defender a predestinação condicional. Suas opiniões custaram-lhe a posição de Professor de Divindade na Universidade de Cambridge.²⁷

No entanto, é possível rastrear ideias que contrapunham o calvinismo ainda antes disso, remontando pelo menos à década de 1540, quando neerlandeses fugiram da perseguição religiosa emplacada pela Inquisição católica durante o governo de Carlos V, que além de Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, era o Rei da Espanha, ou do Império Habsburgo, para o qual as províncias neerlandesas respondiam.²⁸ Com esse êxodo, muitos religiosos chegaram à Inglaterra e conseguiram exílio por lá, visto que nessa época os britânicos adotaram o protestantismo. Alguns desses exilados neerlandeses haviam aderido ao filipismo, isto é, ideias de Philip Melanchthon (1497-1560), que, desde 1522, acreditava que a liberdade humana e o domínio divino eram ambos parciais na esfera temporal, isto é, que Deus não determinava todas as coisas; em 1532, Melanchthon também acrescentou a mesma parcialidade do domínio divino e da liberdade humana à esfera espiritual, adotando uma espécie de sinergismo para com a *ordo salutis*, uma posição muito similar à de Armínio, ao ponto de Graybill destacar que “a doutrina sobre o arbítrio de Armínio foi uma resposta ao Calvinismo”, mas “Armínio e o seu popularizador John Wesley não foram originais”,²⁹ no sentido de que Melanchthon defendeu esse ponto de vista antes daqueles expoentes. Por isso, como explica Guthrie, “na Reforma Inglesa, tendo como base doutrinária as visões amenas de Melanchthon, o arminianismo (que foi uma revolta eficaz de Calvino a Melanchthon) sempre influenciou poderosamente a teologia da Inglaterra”.³⁰

De qualquer modo, esse “arminianismo inglês” estava presente em Wesley desde cedo, mesmo antes de ele ter lido as duas ou mais fontes primárias apresentadas. Em 26 de janeiro de 1725, Samuel indicou a seu filho que lesse Tomás de Kempis, pois poderia obter grande vantagem na leitura.³¹ Em 28 de maio de 1725, Wesley enviou uma carta a sua mãe, criticando o determinismo fatalista presente em Kempis: “Eu não posso crer que quando Deus nos enviou a este mundo tenha decretado irrevogavelmente que seríamos infelizes. Se assim fosse, a busca da felicidade nesta vida seria um pecado e estaríamos atuando contra os desígnios da criação”.³² Um ano depois, o católico medieval Kempis fora elogiado por Wesley e assinalado como um importante expoente da doutrina da “Perfeição cristã”.³³ No entanto, o posicionamento determinista de Kempis não estava adequado na visão de Wesley. Se Deus tivesse decretado a infelicidade, ou o sofrimento, isso iria de encontro com a própria imagem divina compartilhada com

²⁷ HUGHES, Philip. *The Reformation in England: “True religion now established.”* London: Hollis & Carter, 1954, p. 232ss.

²⁸ LINDEBOOM, J. *History of the Dutch Reformed Church in London (1550-1950)*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1950, p. 2.

²⁹ GRAYBILL, Gregory B. *Evangelical Free Will: Philipp Melanchthon’s Doctrinal Journey on the Origins of Faith*. New York: Oxford, 2010, p. 316.

³⁰ GUTHRIE, John O. Preface. In: BRANDT, Caspar. *The Life of James Arminius*. [Trad. John Guthrie]. Nashville: E. Stevenson & F. A. Owens, 1857, p. xvii.

³¹ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 29.

³² WESLEY, John. *Obras de Wesley*, vol. 13. [editor: Justo L. González]. Henrico: Wesley Heritage Foudation, 1998, p. 17-18.

³³ “No ano de 1726, li a ‘Imitação de Cristo’ de Kempis. A natureza e a extensão da religião interior, do coração, apresentou-me com maior clareza do que nunca. Compreendi que embora desse toda a minha vida a Deus (supondo que fosse possível fazê-lo e não ir mais além), não me serviria de proveito, a menos que Lhe entregasse o coração, sim, todo meu coração” (WESLEY, John. *Explicação clara da perfeição cristã*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1984, p. 8).

a raça humana, pois buscar felicidade é inerente à humanidade. Assim, esse tipo de fatalismo, também presente no calvinismo, não condiz com as Escrituras e nem com a experiência cristã.

Em 8 de junho de 1725, sua mãe respondeu: “ele [Kempis] está extremamente errado, naquela afirmação ímpia, para não dizer, blasfema, de que Deus, por um decreto irresistível, determinou qualquer homem a ser miserável, mesmo nesta vida”.³⁴ Susanna explica que “esta vida é um estado de provação, onde eterna felicidade ou miséria são propostas à nossa escolha, uma como recompensa dos virtuosos, a outra, como consequência de uma vida viciosa”.³⁵ Essa carta resposta de sua mãe também foi publicada no primeiro volume do *Arminian Magazine* de 1778. E não é só essa a crítica de sua mãe para com o pensamento calvinista. Em 18 de julho de 1725, sua mãe Susanna lhe escreveu uma carta (também publicada no primeiro volume do *Arminian Magazine*) dizendo que o entendimento de seu filho, contrário ao Artigo³⁶ sobre predestinação, estava correto:

No entanto, visto que descobri que você tem alguns escrúpulos a respeito de nosso Artigo sobre a Predestinação, direi a você o que penso a respeito; e se eles não satisfizerem, você pode desejar a direção de seu pai, que certamente é mais qualificado [...] do que eu. A doutrina da predestinação, mantida por calvinistas rígidos, é muito chocante e deve ser totalmente abominada, porque acusa o Deus santíssimo de ser o autor do pecado. E acho que você raciocina muito bem e com justiça contra isso. Pois é certamente inconsistente com a justiça e bondade de Deus colocar qualquer homem sob a necessidade física ou moral de cometer pecado, e então puni-lo por fazê-lo³⁷.

Susanna alega que, caso ela não argumentasse satisfatoriamente, então seu marido poderia ajudar. Torpy, biógrafo de Samuel Wesley, alega que “ele se revelou claramente como um arminiano. A obra [de salvação] inicia-se a partir de Deus, mas uma resposta obediente também é esperada. O poder do Espírito Santo capacita a pessoa a cumprir o desejo de Deus”.³⁸ Segundo essa explicação, Samuel defendia a incapacidade humana de iniciar qualquer bem, em função do pecado original, e a iniciativa de Deus por meio de sua graça preveniente, temas tipicamente arminianos. Tyerman, outro biógrafo de Samuel, afirma que ele “destemidamente repudia as doutrinas de eleição e reprovação”.³⁹ John Wesley publicou um poema de seu pai no primeiro volume do *Arminian Magazine*, intitulado “Hymn to the Creator” (Hino ao Criador). Num trecho do poema, ele realmente se posiciona de modo contrário à dupla predestinação, dizendo: “Nenhum mal pode proceder de Ti / É apenas suportado, não decretado / A escuridão não vem do sol”.⁴⁰

Heitzenrater comenta que “desde o início do avivamento metodista, Wesley falou contra os perigos do calvinismo” e que “ele e Whitefield se separaram no final da década de 1730 sobre a questão da predestinação, os ‘decretos’ de eleição”.⁴¹ Heitzenrater ainda explica que “a verdadeira ameaça de confiar na eleição para a salvação, como Wesley via, era o antinomianismo

³⁴ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 33.

³⁵ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 33.

³⁶ Provavelmente o artigo 17 dos 39 Artigos da Religião da Igreja Anglicana.

³⁷ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 37.

³⁸ TORPY, Arthur Alan. *The Preventive Piety of Samuel Wesley, Sr.* Lanham / Toronto / Plymouth: The Scarecrow Press, 2009, p. 125.

³⁹ TYERMAN, Luke. *Life and times of the Rev. Samuel Wesley, M. A.* London: Simpkin, Marshall & Co., 1866, p. 144.

⁴⁰ WESLEY, 1778, vol. 1, p. 44.

⁴¹ HEITZENRATER, Richard P. *The Elusive Mr. Wesley.* Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 122. Para verificar a narrativa desse cisma entre Wesley e Whitefield, ver HEITZENRATER, 1996, p. 121ss.

(“contra o legalismo”), que geralmente se manifestava como uma falta de preocupação em viver uma vida cristã”.⁴² Assim, desde o começo do avivamento metodista, apesar de Wesley ainda não se rotular como arminiano, não é difícil perceber que o teor de sua mensagem e do seu estilo de vida contrapunha ao calvinismo e se encaixava muito bem com o “arminianismo inglês”. Heitzenrater ainda complementa que:

De modo crescente, a vida e o pensamento dos wesleyanos de Oxford manifestavam uma teologia e uma prática que equivalia à metodologia arminiana, que era expressa em um modo complexo de regras e expectativas. O estilo de vida Wesleyano estava de acordo com um tipo de teologia arminiana que exigia contínua obediência à vontade de Deus, mesmo dentro do contexto da Nova Aliança.⁴³

De acordo com Pask, “Wesley estava familiarizado com algumas, pelo menos, das obras publicadas de Armínio, [mas] ele em nenhum lugar se refere a elas ou afirma diretamente que leu alguma delas”.⁴⁴ No entanto, na opinião de Pask, a ausência de menção não diminui sua importância e nem sua adesão ao arminianismo, pois Wesley “não encontra[va] necessidade de usá-las em sua própria defesa, ou propagação, de sua doutrina cardeal, contentando-se tanto com sua própria apresentação”.⁴⁵ A opinião de Pask não está errada. De fato, uma análise comparativa dos 5 artigos da remonstrância (eleição condicional, expiação ilimitada, pecado original, graça preveniente e resistível e segurança condicional da salvação) podem demonstrar como Wesley acreditava em cada um desses pontos.⁴⁶

Sumarizando um pouco dos contatos diretos e possíveis de Wesley com o arminianismo, temos: em janeiro de 1725, foi sugerido a Wesley a ler os comentários bíblicos do remonstrante Hugo Grócio; no mesmo dia, seu pai lhe indicou a leitura do católico espiritualista Tomás de Kempis, mas no final de maio daquele ano Wesley criticou alguns argumentos deterministas do católico medieval; tudo indica que Wesley leu pequenos trechos das obras de Armínio até o final de janeiro de 1731; dez anos depois, em julho de 1741, ele leu uma obra do remonstrante Simão Episcópio; ainda no final da década de 1730, Wesley se separou de Whitefield exatamente por controvérsias com o calvinismo e sua doutrina predestinacionista; finalmente, sua família, especialmente sua mãe, aderiu ao “arminianismo inglês”. Parece razoável que ele estivesse a par do que é arminianismo ainda na década de 1720 e que muito disso devesse, principalmente, à sua família. A publicação dessas cartas no *Arminian Magazine* parece reforçar esse argumento. Vejamos, doravante, sua compreensão sobre esse sistema soteriológico.

⁴² HEITZENRATER, 1984, p. 122.

⁴³ HEITZENRATER, 1996, p. 45.

⁴⁴ PASK, 1939, p. 133.

⁴⁵ PASK, 1939, p. 133.

⁴⁶ A crença de Wesley alinhada aos 5 pontos da remonstrância / arminianismo pode ser vista em: COUTO, Vinicius. *Em favor do arminianismo-wesleyano: um estudo bíblico, teológico e exegético de sua relevância na contemporaneidade*. São Paulo: Reflexão, 2016. Além disso, na seção seguinte, o tratado “O que é um arminiano” mostra a familiaridade de Wesley com os 5 pontos.

2. Antigos caminhos: a visão de Wesley sobre o que é arminianismo

O tratado “O que é um arminiano?” foi publicado em 1770 depois de uma série de controvérsias com ministros calvinistas. Naquele mesmo ano, no dia 30 de setembro, George Whitefield havia morrido e John Wesley foi convidado para pregar em seu funeral. Heitzenrater comenta que “o fato de Wesley ser convidado a pregar o sermão fúnebre [de Whitefield] foi um grande insulto para alguns calvinistas [...], que ainda estavam ouriçados com a estridente auto-consciência arminiana dos Wesley durante a década anterior”.⁴⁷ Portanto, esse texto foi escrito para quebrar alguns paradigmas sobre o que, de fato, é um arminiano. No entanto, essa não é a única literatura de teor arminiano que John Wesley escreveu. A tabela a seguir traz um resumo dos principais textos de sua autoria.

Tabela 1: Textos de Wesley que se alinham ao debate sobre arminianismo

Texto de Wesley	Data de publicação
<i>Sermon #110 “Free Grace”</i> (Sermão #110 “Livre graça”) ⁴⁸	1739
<i>Na extract from Robert Barclaym Serious considerations on absolute predestination</i> (Um extrato de Robert Barclay, Considerações sérias sobre a predestinação absoluta)	1741
<i>A Dialogue Between a Predestinarian and His Friend</i> (Um diálogo entre um predestinacionista e seu amigo)	1741
<i>Extracts from The Scripture Doctrine concerning predestination, election and reprobation</i> (Trechos da Doutrina das Escrituras sobre predestinação, eleição e reprovação)	1741
<i>Hymns on God’s everlasting love</i> (Hinos sobre o eterno amor de Deus) ⁴⁹	1741
<i>Serious Thoughts Upon the Perseverance of the Saints</i> (Reflexões sérias sobre a perseverança dos santos)	1751
<i>Predestination calmly considered</i> (Predestinação calmamente considerada)	1752
<i>Thoughts on the Imputed Righteousness of Christ</i> (Pensamentos sobre a justiça imputada de Cristo)	1762
<i>Sermon #43 “Scripture way of salvation”</i> (Sermão #43 “O caminho bíblico da salvação”)	1765
<i>Sermon #20 “The Lord Our Righteousness”</i> (Sermão #20 “O Senhor, nossa retidão”)	1765
<i>What is an Arminian</i> (O que é um arminiano)	1770
<i>Atravesty on Augustus Todplay entitled, The Doctrine of Absolute Predestination Stated and Asserted</i> (Uma farsa em Augustus Todplay intitulada, A Doutrina da Predestinação Absoluta Declarada e Afirmada) ⁵⁰	1770

⁴⁷ HEITZENRATER, 1996, p. 242.

⁴⁸ As numerações dos sermões seguem o padrão da *Bicentennial Edition*.

⁴⁹ Dois hinos merecem nossa atenção, o *Cry of the reprobate* (Lamento do reprovado) e *The horrible decree* (O decreto horrível).

⁵⁰ Também publicado como “*Doctrine of absolute predestination stated and asserted, by the Reverend Mr. A _____ T _____*”.

<i>The consequense proved</i> (A consequência provada)	1771
<i>Some remarks on Mr. Hill's Review</i> (Algumas observações sobre a crítica do Sr. Hill)	1772
<i>Sermon #58 "On predestination"</i> (Sermão #58 "Sobre a Predestinação")	1773
<i>Some remarks on Mr. Hill's Farrago Double Distilled</i> (Algumas observações sobre a mistura duplamente destilada do Sr. Hill)	1773
<i>Thoughts upon necessity</i> (Pensamentos sobre a necessidade)	1774
<i>Thoughts upon God's sovereignty</i> (Pensamentos sobre a soberania de Deus)	1777
<i>An answer to Mr. Hill's tract entitled "Imposture Detected"</i> (Uma resposta ao tratado do Sr. Hill intitulado "Impostura detectada")	1777
<i>Sermon #86 "A call to backsliders"</i> (Sermão #86 "Um chamado aos apóstatas")	1778
<i>Sermon #85 "On working out our own salvation"</i> (Sermão #85 "Operando nossa própria salvação")	1785

Fonte: elaboração própria

Uma rápida observação das datas de publicação revela que as décadas de 1540 e 1570 foram as que Wesley mais se concentrou em publicar textos dessa natureza. No entanto, por falta de espaço, não analisaremos nenhum deles, exceto, "O que é um arminiano".

O tratado "O que é um arminiano" foi escrito numa fase mais madura de Wesley. Em seu sermão "Livre graça", por exemplo, ele chegou a chamar o calvinismo rígido de blasfêmia e que apresenta a Jesus como um hipócrita e enganador do povo. Em "Um diálogo entre um predestinacionista e seu amigo", Wesley critica veementemente a dupla predestinação e a consequência de Deus ser o autor do mal moral. Suas "Reflexões sérias sobre a perseverança dos santos" não aceitam a ideia de eleição incondicional para a salvação e fazem uma análise bíblica de diversos textos que falam sobre a possibilidade de apostasia. Em sua "Predestinação calmamente considerada", Wesley critica o modo como o calvinismo apresenta o caráter de Deus, além de apresentar a liberdade da vontade humana. Ele geralmente usava palavras mais duras nesses textos mais antigos e escreve, caracteristicamente, *contra o calvinismo*. Mas, em "O que é um arminiano?", seu discurso muda para *a favor do arminianismo* e usa um tom um pouco mais irênico e conciliador.

O título completo do tratado é *The question, What is an Arminian? Answered by a lover of Free Grace* (A pergunta: o que é um arminiano? Respondida por um amante da Livre Graça). O título já demonstra alguns pressupostos, conectando o leitor com seu sermão #110, "Livre Graça". Na referida homilia, a palavra inglesa "*free*" transita com o sentido de "gratuito" e "livre" e Wesley faz trocadilhos com esse duplo sentido no decorrer de sua fala. No começo do sermão, Wesley exclama: "Quão gratuitamente [*freely*] Deus amou o mundo!"⁵¹ Ele embasa essa afirmação com as passagens bíblicas de Romanos 5:6, Romanos 8:32 e Efésios 2:5, que falam da condição pecaminosa do ser humano antes do encontro com Cristo. Deste modo, Wesley diz: "Enquanto éramos ainda pecadores, 'Cristo morreu pelos ímpios'. Enquanto estávamos 'mortos em nosso pecado', Deus 'não poupou seu próprio Filho, antes, o entregou por todos

⁵¹ WESLEY, John. Sermon 110 – Free Grace. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 544.

nós'. E quão gratuitamente, que ele 'nos deu todas as coisas!'"⁵² Sua conclusão, a partir dessa dinâmica, é: "verdadeiramente, a graça livre / gratuita é tudo em todos!"⁵³

Nesse sentido, Wesley mostra que a graça é livre num primeiro sentido de gratuidade, de não ser uma dívida às pessoas, mas uma dádiva. Todavia, mais adiante, ele menciona que "a graça ou amor de Deus, de onde vem nossa salvação, é livre em todos [*free in all*], e livre para todos [*free for all*]"⁵⁴ Agora, a conotação muda para a universalidade da expiação de Cristo, que proporciona potencial salvação a toda a raça humana, sendo *livre em todos*, por meio da preveniência do *modus operandi*, mas *para todos* em termos de não ser limitada, como no calvinismo, em cujo sistema a graça salvadora somente se manifesta àqueles que foram eleitos incondicionalmente desde a eternidade passada. Sendo o grupo de eleitos pré-definido no calvinismo, a expiação também é limitada, a redenção particular e a graça restrita. A pergunta "o que é um arminiano?", portanto, é respondida não por um simpatizante da Livre Graça, mas, por um "amante" dela, isto é, por alguém que esposa a ideia da universalidade da salvação, da graça preveniente, da eleição condicional e da expiação ilimitada.

O tratado começa explicando que existia um grande preconceito para com o arminianismo em seus dias, de modo que "dizer: 'Este homem é um arminiano' tem o mesmo efeito em muitos ouvintes que dizer: 'Este é um cachorro louco'"⁵⁵ Ele ainda complementa que "não é fácil remover o preconceito que os outros absorveram, que nada mais sabem disso do que ser 'algo muito ruim', senão 'tudo o que é ruim'"⁵⁶ Essa fala talvez nos dê pistas sobre a demora de Wesley aderir ao rótulo "arminiano". Como explica Gunter, "a reticência de Wesley em se apropriar do rótulo pode ser entendida quando nos lembramos que no século XVIII o arminianismo era compreensivamente racionalista", além de ter "se tornado uma designação vaga o suficiente para se referir a qualquer posição teológica anti-calvinista, desde um latitudinarismo leve a um socinianismo completo"⁵⁷ O remonstrantismo de Philip van Limborch (1633-1712) também rompeu com o arminianismo clássico das ideias de Armínio e dos primeiros remonstrantes, levando "o arminianismo para mais perto do liberalismo"⁵⁸ Ao analisar as diferenças entre o posicionamento de Armínio e de Limborch, Hicks comentou que o pensamento do último "pode ser chamado de 'arminianismo liberal', 'arminianismo posterior' ou 'alto arminianismo'"⁵⁹ E essa confusão também colaborava para que houvesse mais preconceito com o "arminianismo". Como diz Olson, "infelizmente, muitos críticos do arminianismo do século XVIII conheciam unicamente o arminianismo de Limborch"⁶⁰ Em 1857, o teólogo metodista Thomas O. Summers, explicou que, desde os séculos XVII e XVIII, "uma espécie de semipelagianismo [estava presente] na Igreja da Inglaterra, e semissocinianismo nas igrejas da Nova Inglaterra, por algum meio estranho, obteve o nome de arminianismo, e isso,

⁵² WESLEY, 1986, vol. 3, p. 545.

⁵³ WESLEY, 1986, vol. 3, p. 545

⁵⁴ WESLEY, 1986, vol. 3, p. 545.

⁵⁵ WESLEY, John. *The question, What is an Arminian?* Answered by a lover of Free Grace. Bristol: William Pine, 1770, p. 2.

⁵⁶ WESLEY, 1770, p. 2.

⁵⁷ GUNTER, 2019, p. 14.

⁵⁸ OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: mitos e realidades*. [tradução: Wellington C. Mariano]. São Paulo: Reflexão, 2013, p. 30.

⁵⁹ HICKS, John Mark. *The Theology of Grace in the Thought of Jacobus Arminius and Philip van Limborch: A Study in the Development of Seventeenth Century Dutch Arminianism*. Glenside: Westminster Theological Seminary, 1985, p. 150.

⁶⁰ OLSON, 2013, p. 30. Veja, ainda, as páginas 33-35, 73-74, 137-138, 162-163, 190-192.

naturalmente, induziu uma timidez e reserva em relação a este título”.⁶¹ Guthrie, o tradutor da biografia de Armínio escrita por Caspar Brandt, explicou sobre o mesmo problema:

[...] poucos nomes já foram ofuscados por uma escuridão mais profunda e densa de preconceito do que o dele; proferi-lo era, como Wesley observou, quase o mesmo, em alguns ouvidos, que levantar o grito de “cachorro louco”. Isso se deve em parte ao latitudinarismo de alguns de seus seguidores, que, revoltados contra a fê dominante e enlouquecidos pela opressão, voltaram ao extremo oposto; e, em parte, pela circunstância acidental de que seu esquema mais brando encontrou favorecimento geral na Igreja da Inglaterra, numa época em que ela mantinha relações hostis com os puritanos ingleses e os presbíteros escoceses. No entanto, estes foram resultados com os quais nem o homem Armínio, nem o princípio arminiano de condicionalismo, tiveram qualquer coisa a ver. Traçá-los a ele não era mais do que traçar a Neologia⁶² alemã a Lutero e Melanchthon, e o socinianismo genebrino a Calvino⁶³.

Por isso, Wesley sentia a necessidade de dar maior precisão ao termo “arminiano”: “quanto mais ininteligível for a palavra, melhor ela atenderá ao propósito”,⁶⁴ ele alega criticando o mau uso de palavras e expressões que eram usadas sem a devida compreensão. Wesley começa sua explicação sobre o que é arminianismo mencionando brevemente algumas informações biográficas de Armínio.

Jacó Armínio, foi primeiro um dos ministros de Amsterdam e depois Professor de Divindade em Leiden. Ele foi educado em Genebra, mas no ano de 1591 ele começou a duvidar dos princípios [calvinistas] que havia recebido até então. E estando cada vez mais convencido de que eles estavam errados, quando ele foi investido com o cargo de professor, ele ensinou publicamente o que acreditava na verdade até que, no ano de 1609, ele morreu em paz.⁶⁵

O relato de mudança de pensamento em Armínio, isto é, do abandono de um calvinismo supralapsariano bezano faz parte da narrativa do discurso fúnebre de Petrus Bertius,⁶⁶ o que reforça a hipótese de Pask sobre a possibilidade de Wesley ter lido algo ou a totalidade das obras de Armínio nas edições de 1629 e 1635 (Frankfurt). Sobre a historicidade do movimento arminiano, Wesley também tem uma boa noção do Sínodo de Dort (lembrando que ele leu Episcópio sobre esse assunto) e explica corretamente que os remonstrantes sofreram as seguintes

⁶¹ SUMMERS, Thomas O. Introduction. In: BRANDT, Caspar. *The Life of James Arminius*. [tradução: John Guthrie]. Nashville: E. Stevenson & F. A. Owens, 1857, p. vii.

⁶² Foi o nome dado a uma teologia racionalista alemã a respeito do estudo de novas coisas, surgida durante o século XVIII, e influenciada pelo Iluminismo e pelo Deísmo filosófico. O Neologismo defendia uma minimização da revelação e a razão como sendo a ferramenta mais importante para a compreensão de Deus. Esse pensamento pode ser encontrado principalmente nos estudiosos Christian Wolff (1679-1754) e Johann Salomo Semler (1725-1791).

⁶³ GUTHRIE, 1857, p. xiv-xv.

⁶⁴ WESLEY, 1770, p. 4.

⁶⁵ WESLEY, 1770, p. 4-5.

⁶⁶ Essa narrativa tem sido contestada por Bangs (2015), que alega não ser possível ser provado. No entanto, esse é um caso não resolvido, veja BOER, William den. *Jacó Armínio e a teologia do duplo amor de Deus*. [tradução: Carmo Júnior]. Natal: Carisma, 2020, p. 21-24, que menciona correções na tese de Bangs e que deixa esse episódio como possível. Veja, ainda, COUTO, Vinicius; RENDERS, Helmut. O “Carro triunfal arminiano”: uma sátira dortiana de Armínio e dos Remonstrantes. Maringá, *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 14, n. 41, p. 169-203, Setembro/Dezembro de 2021; e COUTO, Vinicius. “Não somos daqueles que dominam a fê dos outros”: tolerância, irenismo e liberdade de consciência em Jacó Armínio. São Bernardo do Campo: UMESP, 2022. Tese de Doutorado, na qual o autor propõe um revisionismo da teoria do Bangs a partir de outras fontes primárias de Armínio.

acusações: “(1) Que eles negam o pecado original; (2.) Que eles negam a justificação pela fé; (3.) Que eles negam a predestinação absoluta; (4) Que eles negam a graça de Deus como sendo irresistível; e, (5) Que eles afirmam, um crente pode cair da graça”.⁶⁷ E Wesley contesta: as duas primeiras acusações “são totalmente falsas”, pois “nenhum homem que já viveu, nem o próprio João Calvino, jamais afirmou o pecado original ou a justificação pela fé em termos mais fortes, claros e expressos do que Armínio fez”.⁶⁸ De fato, Armínio possui um discurso radical sobre os efeitos da queda de Adão em suas cartas enviadas ao professor da Universidade de Leiden Francis Junius (1545-1602), sendo mais contundente sobre o pecado original e a corruptibilidade da *imago Dei* do que aquele professor reformado.⁶⁹ Por isso, com certa indignação, Wesley ainda pergunta: “Como pode um homem que nunca leu uma página de seus escritos saber o que Armínio sustentou?”.⁷⁰ Essas afirmações nos levam a inferir, com justiça, que Wesley leu alguma porção de Armínio. Pask é mais incisivo sobre essas afirmações: “[...] há apenas uma inferência possível a partir disso, a saber, que o próprio Wesley leu alguns dos escritos de Armínio”.⁷¹

Wesley se ocupa, em seguida, de apresentar as três principais diferenças entre os pontos de vista dos calvinistas e dos arminianos. De acordo com ele, “os primeiros acreditam na predestinação absoluta, os segundos apenas na predestinação condicional”.⁷² Ele continua: “os calvinistas sustentam, em segundo lugar, que a graça salvadora de Deus é absolutamente irresistível” e que “os arminianos sustentam que, embora possa haver alguns momentos em que a graça de Deus atue irresistivelmente, em geral qualquer um pode resistir”.⁷³ Além disso, “os calvinistas sustentam, em terceiro lugar, que um verdadeiro crente em Cristo não pode cair da graça”, ao passo que “os arminianos sustentam que um verdadeiro crente pode ‘naufragar’ na fé e em uma boa consciência (1 Timóteo 1,19), de modo que ele pode cair não apenas de forma perversa, mas, finalmente, de modo a perecer para sempre”.⁷⁴ Podemos acrescentar uma quarta diferença: a abrangência da expiação, que Wesley trabalha implicitamente na argumentação da eleição incondicional. Nesse contexto, ele menciona que os calvinistas acreditam que “Cristo morreu por estes [i.e., os eleitos] e ninguém mais”, ao passo que os arminianos creem que Cristo morreu “para cada filho de Adão”.⁷⁵

Tecnicamente, essas quatro diferenças já apareceram em 1610 e 1618, quando os remonstrantes publicaram seus artigos protestando contra o calvinismo rígido. Os artigos de 1610 resumizavam muito do pensamento de Armínio em sua “Declaração de sentimentos”, mas só deixava ligeiramente em aberto a questão da possibilidade de apostasia, algo que eles diziam ser preciso pesquisar melhor posteriormente. Essa revisão foi confessada no ano de abertura do Sínodo de Dort, de modo que o artigo sobre a apostasia afirmou essa possibilidade na vida de um verdadeiro crente. O Sínodo de Dort respondeu com cânones que contrapunham os artigos

⁶⁷ WESLEY, 1770, p. 5.

⁶⁸ WESLEY, 1770, p. 5.

⁶⁹ Essas cartas enviadas a Junius podem ser vistas em ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*, vol. 3. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Uma análise do pensamento de Armínio sobre a pecaminosidade humana nos descendentes de Adão e sua maior austeridade do que a de Junius sobre esse ponto na *imago Dei* pode ser lida em COUTO, Vinicius. *Depravação Total* – Coleção Arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2021.

⁷⁰ WESLEY, 1770, p. 7.

⁷¹ PASK, 1939, p. 130.

⁷² WESLEY, 1770, p. 6.

⁷³ WESLEY, 1770, p. 6.

⁷⁴ WESLEY, 1770, p. 6.

⁷⁵ WESLEY, 1770, p. 6.

remonstrantes. No entanto, Wesley mais uma vez acerta ao demonstrar que o artigo sobre o pecado original (posteriormente mais conhecido como “Depravação Total”) era convergente em ambas as tradições.⁷⁶

Uma comparação entre Armínio, os primeiros remonstrantes e Wesley, demonstra que eles estavam alinhados quanto aos cinco pontos do arminianismo. Oden, no entanto, trata a questão com eufemismo: “[...] por arminianismo Wesley se referiu a um calvinismo moderado, temperado na alegre doutrina da graça divina que elicia e encoraja respostas humanas livres e cooperativas” e explica que “este ensino da graça tem temperamento diferente de algumas versões severas da dupla predestinação absoluta”.⁷⁷ Certamente o posicionamento de Wesley não seria aceito pelos calvinistas como um calvinismo moderado. Essa mesma teologia professada por Wesley e pelos primeiros remonstrantes foi considerada heterodoxa pelo Sínodo de Dort. Por isso, a afirmação de Oden não condiz com a realidade. Os cinco pontos do armínio-remonstrantismo – (1) Pecado original,⁷⁸ (2) Eleição condicional,⁷⁹ (3) Graça preveniente e resistível,⁸⁰ (4) Expição ilimitada⁸¹ e (5) Perseverança condicional dos santos⁸² – são claramente aceitos por Wesley.

De qualquer modo, Wesley encerra seu tratado de maneira mais branda do que de costume, fazendo um apelo à unidade e, ao mesmo tempo, criticando os que falam equivocadamente de sistemas que não professam e sem conhecê-los com propriedade. Se Armínio e Calvino forem lidos em fonte primária, muitas das caricaturas teológicas serão evitadas. No entanto, sua preocupação transcende o discurso. Ele está preocupado com a práxis, na expectativa de algum respeito mútuo mínimo:

[...] não é o dever de todo pregador arminiano, primeiro, nunca, em público ou em particular, usar a palavra calvinista como um termo de reprovação, visto que não é nem melhor nem pior do que xingar? Uma prática não mais consistente com o bom senso ou as boas maneiras do que com o Cristianismo. Em segundo lugar, fazer tudo o que está nele para evitar que seus ouvintes o façam, mostrando-lhes o pecado e a loucura disso? E não é igualmente o dever de todo pregador calvinista, primeiro, nunca em público ou em privado, na pregação ou na conversação, usar a palavra arminiano como um termo de reprovação? Em segundo lugar, fazer tudo o que está nele para evitar que seus ouvintes o façam, mostrando-lhes o pecado e a loucura disso; e que tanto mais zelosamente e diligentemente se eles estivessem acostumados a fazê-lo?⁸³

⁷⁶ Para uma análise da semelhança entre o pensamento sobre o pecado original nas teologias de Calvino, Armínio e Wesley, ver COUTO, 2021.

⁷⁷ ODEN, Thomas C. *Os ensinamentos de John Wesley*, vol. 2. [tradução: Vinicius Couto]. São Paulo: Reflexão, 2021, p. 264.

⁷⁸ Cf. WESLEY, John. *The Doctrine of Original Sin according to Scripture, Reason and Experience*. Bristol: E. Farley, 1757; e o sermão #44 “Original Sin”.

⁷⁹ Cf. os tratados “*Predestination calmly considered*”, “*Thoughts upon necessity*”, “*Thoughts upon God’s sovereignty*” e os sermões #43 “*Scripture way of salvation*”, #58 “*On predestination*”, #67 “*On divine providence*” e #110 “*Free Grace*”.

⁸⁰ Cf. os sermões #1 “*Salvation by faith*”, #43 “*Scripture way of salvation*”, #85 “*On working out our own salvation*” e #110 “*Free Grace*”.

⁸¹ Cf. o sermão #110 “*Free Grace*”.

⁸² Cf. os tratados “*Serious Thoughts Upon the Perseverance of the Saints*” e “*Thoughts upon necessity*” e os sermões #86 “*A call to backsliders*”.

⁸³ WESLEY, 1770, p. 8.

Os antigos caminhos para os arminianos, na perspectiva de Wesley, são, portanto, conhecer os sistemas teológicos de maneira precisa e não falar erroneamente sobre algum pensamento, como que levantando calúnias por conta da falta de precisão das informações. Isso é algo que deve ser feito tanto por arminianos quanto por calvinistas, de modo a garantir que se fale de determinado sistema com a devida precisão e sem caricaturas. Além disso, a unidade do corpo de Cristo é imprescindível para Wesley, de modo a não pensar que um sistema é tão superior ao ponto de sobrepor a Cristo. Porém, Wesley acrescenta novos elementos à dinâmica salvífica da graça, seguindo para novos caminhos soteriológicos que propõem a ação engajada do cristão no reino de Deus, numa perspectiva de que a graça capacita não somente para responder à oferta de salvação, mas para impulsionar o cristão às boas obras e ao amor ao próximo numa santidade social e amor perfeito. Essa temática é melhor discutida na seção seguinte.

3. Novos caminhos: a abrangência responsável da graça em Wesley

Vimos que Wesley estava ciente do que era ser um arminiano e de quais eram os pontos centrais desse sistema soteriológico. Ele também se identificou como um arminiano, de maneira mais clara, a partir de 1770. Isso, entretanto, não quer dizer que ele não “pensava” como um arminiano bem antes disso, como vimos nos possíveis contatos com as literaturas arminianas e na sua cultura teológica doméstica. Em seu sermão “Livre graça”, de 1739, ele mostra sua visão crítica contra o calvinismo, o que se alinha perfeitamente ao conceito do que veio a ser chamado de “arminianismo inglês”. A época em que esse sermão foi pregado se alinha com sua fase saliente da graça de Deus para a salvação. Maddox propôs três momentos do pensamento de Wesley, resumindo-os da seguinte forma:

Tem se tornado cada vez mais comum, para os estudos das suas convicções teológicas, distinguir entre Wesley “inicial” (1733-38), Wesley “intermediário” (1738-65) e Wesley “tardio” (1765-91). Embora as ênfases difiram, essas designações estão tipicamente correlacionadas a transições na visão geral de Wesley sobre a vida cristã, desde (1) uma ênfase dominante na importância da retidão moral ou conformidade à imagem de Deus (ou, pelo menos, tentativas sinceras); até (2) uma intensa apropriação de ênfases protestantes que envolvem a salvação pela graça, criando algumas tensões iniciais dentro do seu pensamento; e culminando em (3) uma integração madura da primazia da graça em sua constante preocupação com a santidade cristã.⁸⁴

O chamado Wesley “inicial” se identifica com a *theosis* da patrística oriental e valoriza a restauração da imagem de Deus numa santificação teleológica e num *continuum* de crescimento na graça. Em 1726, Wesley leu “A imitação de Cristo”, de Tomás de Kempis, um espiritualista católico medieval, de quem também extraiu alguma compreensão inicial de perfeição cristã, que Wesley, nesse caso, denominou de “a natureza e a extensão da religião interior, do coração”.⁸⁵ Um ponto dessa espiritualidade medieval é a ênfase na responsabilidade humana, um ponto de contato com a teologia arminiana. Nas palavras de Wesley, ao ler a obra de Kempis, “compreendi

⁸⁴ MADDIX, 2019, p. 32.

⁸⁵ WESLEY, 1984, p. 8.

que embora desse toda a minha vida a Deus (supondo que fosse possível fazê-lo e não ir mais além), não me serviria de proveito, a menos que Lhe entregasse o coração, sim, todo o meu coração”.⁸⁶ Wesley entende que deve haver uma entrega integral do coração – uma linguagem metafórica para a vida, como um todo – a Deus. Essa entrega deve partir do ser humano, não sendo, portanto, um derramar irresistível de Deus. É claro que não é uma iniciativa puramente humana, como se tal decisão fosse fruto de seu livre-arbítrio. Essa decisão só pode ser tomada porque a graça de Deus habilita o ser humano. Entre 1727 e 1728, Wesley alega ter lido “A perfeição cristã” e “Um sério apelo para uma vida devota e santa,” ambos da autoria de William Law, um anglicano espiritualista. Os livros impactaram a espiritualidade de Wesley a ponto de ele declarar: “Estes livros me convenceram ainda mais da impossibilidade de ser um meio cristão; e resolvi, por Sua graça (a absoluta necessidade à qual eu estava profundamente sensível) dedicar-me todo a Deus, dar-lhe toda a alma, corpo e bens”.⁸⁷ Reparemos na frase “e resolvi, por Sua graça”. Ela aponta para um modelo sinérgico que privilegia a primazia e a iniciativa da graça de Deus. Ele só pôde *resolver*, isto é, tomar a decisão, porque *a graça veio primeiro* e o habilitou a isso. É nesse sentido sinérgico que Randy Maddox interpretou o *modus operandi* da graça de Deus, na perspectiva de Wesley, denominando-a de graça responsável:

Sem a graça de Deus, não podemos ser salvos; ao passo que, sem a nossa participação “capacitada pela graça, mas voluntária”, a graça de Deus não irá salvar. Escolhi designar isso de uma preocupação acerca da “graça responsável”. A formulação dessa designação é bastante específica. Ela foca a preocupação distintiva de Wesley sobre a natureza de Deus e suas ações, e não sobre a humanidade. Ela também deixa claro que o dom indispensável do perdão gracioso e capacitação por Deus é fundamental, ao passo que capta a qualificação característica que Wesley faz dessa capacitação como habilitadora, em vez de substitutiva da responsabilidade humana.⁸⁸

A graça responsável é aquela que deve ser *respondida*, mas, também aquela que gera responsabilidade para quem se rende à sua vocação, devendo ser *correspondida*. Como explica Maddox, “essa graça *inspira e capacita*, mas não *subjuga*. [...] Posto nos termos que sugeri, ele entendia a graça como responsável – ela habilita a nossa resposta, mas não coage essa resposta”.⁸⁹ Essa graça pode ser resistida. Deus não força os indivíduos a cumprirem sua vontade. No entanto, ela soluciona a impossibilidade de os indivíduos praticarem o bem espiritual, pois é habilitadora. Nesse sentido, Wesley reconhece a incapacidade espiritual da descendência de Adão, abraçando a doutrina do pecado original, mas caminha numa direção diferente do calvinismo, que pressupõe que tal incapacidade espiritual demande uma ação da graça de maneira irresistível, com operação monérgica, sem qualquer resposta humana. A interpretação de Maddox sobre Wesley é que este “se apropriou da doutrina específica da graça preveniente para neutralizar a obrigatoriedade lógica com que sua afirmação da depravação total parecia levar à doutrina calvinista da predestinação”.⁹⁰ Isso porque “simplesmente afirmar que a graça de Deus precedia a resposta humana da fé não neutralizava Calvino; [afinal,] ele também enfatizava

⁸⁶ WESLEY, 1984, p. 8.

⁸⁷ WESLEY, 1984, p. 8.

⁸⁸ MADDOX, 2019, p. 30-31.

⁸⁹ MADDOX, 2019, p. 160. Itálicos do autor.

⁹⁰ MADDOX, 2019, p. 156-157.

isso em relação aos eleitos”.⁹¹ De fato, quando pensamos nos estágios da graça no pensamento wesleyano, podemos falar de uma graça que é, ao mesmo tempo irresistível (no seu estágio preveniente) e resistível (em seu estágio convincente).⁹²

Contudo, essa resposta não deve ser apenas à vocação soteriológica. Ela deve ser para a continuidade da vida cristã, numa santificação que transcende os aspectos ético-morais, pois Wesley enxergava a ação da graça de Deus na totalidade da vida cristã: “[...] a salvação aqui mencionada pode estender-se a toda a obra de Deus, desde o primeiro alvorecer da graça na alma até que seja consumada na glória”.⁹³ Essa afirmação segue o mesmo caminho de Armínio, que, em sua *Declaração de Sentimentos*, destacou: “[...] atribuo à graça o início, a continuidade e a consumação de todo o bem”.⁹⁴ Essa frase de Armínio é dita num contexto em que ele explica a centralidade da graça no caminho da salvação. O início está atrelado aos momentos pré-regeneratórios; a continuidade está ligada à regeneração, justificação, adoção e, principalmente à santificação; e a consumação, por sua vez, diz respeito à glorificação. Tudo isso é realizado pela graça e não pelo ser humano. Todavia, embora Armínio pensasse numa ação continuada da graça, ele deu menos destaque às boas obras. Wesley, por sua vez, está num momento histórico que avançou esse tipo de discussão. Ele tem os discursos do catolicismo medieval, a ênfase social dos pietistas e morávios e a espiritualidade anglicana de um lado; do outro, ele tem o Iluminismo, com seus discursos em prol de melhores condições para a humanidade. Nesse sentido, Wesley vai além de Armínio e ensina novos caminhos da graça de Deus, de uma graça que quebra o poder do pecado e habilita o ser humano para viver no reino de Deus com obras de piedade e de misericórdia. No sermão #85, “Sobre o desenvolvimento da nossa própria salvação”, ele explica esse poder da graça:

[...] não é desculpa para aqueles que continuam no pecado e colocam a culpa em seu Criador, dizendo: “É somente Deus que deve nos vivificar, pois não podemos vivificar nossas próprias almas”. Por permitir que todas as almas dos homens estejam mortas em pecado por natureza, isso não desculpa ninguém, visto que não há homem que esteja em um estado meramente natural; não há homem, a menos que tenha apagado o Espírito, que esteja totalmente vazio da graça de Deus. Nenhum homem vivo é inteiramente destituído do que é vulgarmente chamado de consciência natural. Mas isso não é natural: é mais apropriadamente chamado de graça preventiva. Todo homem tem uma medida maior ou menor disso.⁹⁵

A graça não se restringe apenas à salvação espiritual. Ela atua na santificação do povo de Deus. Porém, a santidade não é meramente moral. Ela está totalmente atrelada às boas obras e ao contato com a sociedade. Isso significa dizer que ela deve, além de ser *respondida*, ser *correspondida*. Ao comentar Mateus 5,16, “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”, Wesley

⁹¹ MADDIX, 2019, p. 156-157.

⁹² Para uma análise do entendimento de Wesley sobre a graça preveniente (às vezes, chamada de preventiva por ele) e convincente, ver WESLEY, 1986, vol. 13, p. 199-209. Esse sermão é de setembro/outubro de 1785.

⁹³ WESLEY, John. Sermon 43 – The Scripture Way of Salvation. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985, p. 156. Este sermão é de 1765.

⁹⁴ ARMÍNIO, 2015, vol. 1, p. 232.

⁹⁵ WESLEY, John. Sermon 85 – On Working Out Our Own Salvation. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 207.

declarou que “o cristianismo é essencialmente uma religião social; [...] transformá-la em uma religião solitária é de fato destruí-la”⁹⁶ e “pode algum homem afirmar que um cristão solitário [...] possa ser um homem misericordioso, isto é, alguém que aproveita todas as oportunidades para fazer o bem a todos os homens?”⁹⁷ A santificação não podia ser negligenciada, na visão de Wesley. Ela era um elemento central da comunidade de fé. Por isso, ele indagou noutra ocasião: “Quem escreveu mais habilmente do que Martinho Lutero, sobre a justificação pela fé somente? E quem era mais ignorante da doutrina da santificação, ou mais confuso em suas concepções sobre ela?”⁹⁸ O tratamento dessa santificação positiva como marca indelével do pensamento wesleyano ainda pode ser visto em seu tratado “O caráter de um metodista”, publicado em 1742, no qual ele declarou que uma das marcas distintivas desse povo é: “Sempre que pode, ele ‘faz o bem a todos os homens’; seu próximo, e estranhos; amigos e inimigos: e de toda a forma possível; [...] ‘alimentando o faminto, vestindo o nu, visitando aqueles que estão doentes ou na prisão’”⁹⁹.

Em muitos de seus sermões, é possível perceber as tratativas de uma graça que deve ser correspondida nas questões sociais.¹⁰⁰ Um dos exemplos mais significativos pode ser encontrado em seu sermão #19, “*The Great Privilege of those that are Born of God*” (O grande privilégio dos que são nascidos de Deus), pregado em 1748, no qual ele diz: “aquele que assim crê e ama, que pela fé percebe os contínuos atos de Deus sobre seu espírito, por uma espécie de reação espiritual retribui a graça que recebe”.¹⁰¹ Tal afirmação discorre sobre pensar nas consequências da salvação: embora a salvação não se dê *por obras*, ela é *para as obras*. “Qualquer justiça real que possamos mostrar”, afirma Maddox, “é resultado de nossa resposta à presente obra do Espírito Santo em nossas vidas”.¹⁰² Isso se dá porque a graça responsável proporciona a condição “para o crescimento cristão *responsável* em resposta à *graça* de Deus”.¹⁰³ A graça responsável é, portanto, uma graça que precisa ser *correspondida*. Pela graça, o ser humano é incentivado a produzir boas obras (de piedade e de misericórdia). Corresponder a essa graça é se deixar ser guiado por seus impulsos transformacionais. Os novos caminhos são realizados por meio de uma visão mais otimista da graça numa relação pós-regeneração. Embora os efeitos do pecado original tenham sido catastróficos, eles não são mais poderosos do que a graça de Deus, que habilita o ser humano não apenas para crer no Evangelho e para responder à oferta de salvação. Essa graça habilita o ser humano para amar a Deus e amar ao próximo; para praticar obras de piedade e obras de misericórdia; para seguir a ortodoxia e a ortopraxia; para pregar o evangelho todo para o ser humano todo!

⁹⁶ WESLEY, John. Sermon 24 – Upon our Lord’s Sermon on the Mount, IV. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 533. Este sermão é de 1748.

⁹⁷ Sermon 24 – Upon our Lord’s Sermon on the Mount, IV. In: WESLEY, 1984, vol. 1, p. 534.

⁹⁸ WESLEY, John. Sermon 107 – On God’s Vineyard. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 505. Este sermão é de 17 de outubro de 1787.

⁹⁹ WESLEY, John. *The Character of a Methodist*. Bristol, Feliz Farley, 1742, p. 14-15

¹⁰⁰ Cf. #50, “*The Use of Money*”; #51, “*The Good Steward*”; #61, “*The Mystery of Iniquity*”; #87, “*The Danger of Riches*”; e #108, “*On Riches*”.

¹⁰¹ WESLEY, John. Sermon 19 – The Great Privilege of those that are Born of God. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 435.

¹⁰² MADDOX, 2019, p. 205.

¹⁰³ MADDOX, 2019, p. 206. Itálicos do autor.

Considerações finais

Consideramos que Wesley teve contato com a noção popular do arminianismo logo cedo, por meio de sua cultura familiar. Uma vez que seus pais influenciaram-no em muitos aspectos teológicos, não é difícil deduzir que o arminianismo (ainda que o inglês) foi mais um deles. As publicações de cartas-respostas de sua mãe e de poemas de seu pai no *Arminian Magazine* parecem reforçar esse argumento, pois, ainda que tardiamente, ele vincula esses documentos com algo atrelado ao arminianismo. Além disso, vimos algumas evidências de que Wesley provavelmente tenha tido contato direto com fontes primárias de Armínio ainda cedo, como ele questionou em seu tratado “O que é um arminiano”, dizendo: “como pode um homem que nunca leu uma página de seus escritos saber o que Armínio sustentou?” Quando ele teria lido? Não sabemos. Porém, é forte a possibilidade de que isso tenha sido feito através de alguns fragmentos de Armínio citados na obra de Thomas Bennet, que Wesley começou a ler em 24 de janeiro de 1731. Não é improvável que na fase do Wesley “inicial” ele já se identificasse para si mesmo como um arminiano, haja vista as críticas severas ao calvinismo e as controvérsias com Whitefield no final da década de 1730. Seu tratado “O que é um arminiano” mostra conhecimento fundamental sobre o arminianismo, mas é mais interessante quanto ao espírito irênico, chamando os lados para o respeito mútuo, algo que é necessário ainda nos dias atuais nos debates entre calvinistas e arminianos. Finalmente, o ensaio trouxe uma visão de descontinuidade e expansão do entendimento sobre a graça de Deus no arminianismo-wesleyano. Wesley agregou para a doutrina da graça um forte peso ao seu poder transformador, que é capaz de suplantar o pecado e habilitar os seres humanos para as boas obras. Essa perspectiva da graça chama os cristãos a corresponderem à vocação e a serem engajados no reino de Deus.

Referências

- ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. 3 vols. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BANGS, Carl. *Armínio – um estudo da reforma holandesa*. [tradução: Wellington Mariano]. São Paulo: Reflexão, 2015.
- BENNET, Thomas. *Directions for studying*: I. A General System or Body of Divinity. II. The Thirty Nine Articles of Religion. London: James and John Knapton, 1727.
- BOER, William den. *Jacó Armínio e a teologia do duplo amor de Deus*. [tradução: Carmo Júnior]. Natal: Carisma, 2020.
- BRAILSFORD, Mabel Richmond. *A tale of two brothers: John and Charles Wesley*. New York: Oxford University Press, 1954.
- COLLINS, Kenneth J. *John Wesley – a theological journey*. Nashville: Abingdom Press, 2003.
- COUTO, Vinicius. “*Não somos daqueles que dominam a fé dos outros*”: tolerância, irenismo e liberdade de consciência em Jacó Armínio. São Bernardo do Campo: UMESP, 2022. Tese de Doutorado.
- _____. *Depravação Total*. Coleção Arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2021.
- _____. *Em favor do arminianismo-wesleyano: um estudo bíblico, teológico e exegético de sua relevância na contemporaneidade*. São Paulo: Reflexão, 2016.

- COUTO, Vinicius; RENDERS, Helmut. O “Carro triunfal arminiano”: uma sátira dortiana de Arminio e dos Remonstrantes. Maringá, *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 14, n. 41, p. 169-203, Setembro/Dezembro de 2021.
- GRAYBILL, Gregory B. *Evangelical Free Will: Philipp Melancthon’s Doctrinal Journey on the Origins of Faith*. New York: Oxford, 2010.
- GUNTER, Stephen. John Wesley: um fiel representante de Jacó Arminio. [tradução: Márcia Elias e Vinicius Couto]. Campinas, *Bona Conscientia*, v. 2, n. 2, p. 5, jul.-dez. 2019.
- GUTHRIE, John O. Preface. In: BRANDT, Caspar. *The Life of James Arminius*. [Trad. John Guthrie]. Nashville: E. Stevenson & F. A. Owens, 1857, p. xiii-xix.
- HEITZENRATER, Richard P. *John Wesley and the Oxford Methodists, 1725-35*. Durham: Duke University, 1972. Ph.D. thesis.
- HEITZENRATER, Richard P. *The Elusive Mr. Wesley*. Nashville: Abingdom Press, 1984.
- _____. *Wesley e o povo chamado metodista*. [tradução: Cleide Zerlotti Wolf]. São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro: Editeo / Pastoral Bennet, 1996.
- HICKS, John Mark. *The Theology of Grace in the Thought of Jacobus Arminius and Philip van Limborch: A Study in the Development of Seventeenth Century Dutch Arminianism*. Glenside: Westminster Theological Seminary, 1985.
- HUGHES, Philip. *The Reformation in England: “True religion now established”*. London: Hollis & Carter, 1954.
- LINDEBOOM, J. *History of the Dutch Reformed Church in London (1550-1950)*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1950.
- MADDOX, Randy L. *Graça responsável: a teologia prática de John Wesley*. [tradução: Elisângela A. Soares]. São Bernardo do Campo: Editeo, 2019.
- MEEUWSEN, James. Original Arminianism and Methodistic Arminianism Compared. *Reformed Review*, v. 14., n. 1, p. 21-36, 1960.
- ODEN, Thomas C. *Os ensinamentos de John Wesley*, vol. 2. [tradução: Vinicius Couto]. São Paulo: Reflexão, 2021.
- OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: mitos e realidades*. [tradução: Wellington C. Mariano]. São Paulo: Reflexão, 2013.
- OUTLER, Albert (ed.). *John Wesley*. New York: Oxford University Press, 1964.
- PASK, A. H. Speedie. *The Influence of Arminius Upon the Theology of John Wesley*. Edinburgh: University of Edinburgh, 1939. Tese de doutorado.
- STANGLIN, Keith S. Arminianism. In: DYRNESS, William; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. *Global Dictionary of Theology: A Resource for the Worldwide Church*. Downers Grove: IVP Academic, 2008, p. 61-63.
- SUMMERS, Thomas O. Introduction. In: BRANDT, Caspar. *The Life of James Arminius*. [tradução: John Guthrie]. Nashville: E. Stevenson & F. A. Owens, 1857, p. v-xii.
- TORPY, Arthur Alan. *The Prevenient Piety of Samuel Wesley, Sr*. Lanham / Toronto / Plymouth: The Scarecrow Press, 2009.
- TYERMAN, Luke. *Life and times of the Rev. Samuel Wesley, M. A*. London: Simpkin, Marshall & Co., 1866.
- WEETER, Mark L. *John Wesley’s view and use of Scripture*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2007.
- WESLEY, John. *Arminian Magazine: Consisting of extracts and original treatises on universal redemption*, vol. 1. London: J. Fry & Co., 1778.

- _____. *Explicação clara da perfeição cristã*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1984.
- _____. *Obras de Wesley*. Vol. 13. [editor: Justo L. González]. Henrico: Wesley Heritage Foudation, 1998.
- _____. Sermon 107 – On God’s Vineyard. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 503-517.
- _____. Sermon 110 – Free Grace. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 544-563.
- _____. Sermon 19 – The Great Privilege of those that are Born of God. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 431-443.
- _____. Sermon 24 – Upon our Lord’s Sermon on the Mount, IV. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 531-549
- _____. Sermon 43 – The Scripture Way of Salvation. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985, p. 152-169.
- _____. Sermon 85 – On Working Out Our Own Salvation. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 199-209.
- _____. *The Character of a Methodist*. Bristol, Feliz Farley, 1742.
- _____. *The Doctrine of Original Sin according to Scripture, Reason and Experience*. Bristol: E. Farley, 1757.
- _____. *The question, What is an Arminian?* Answered by a lover of Free Grace. Bristol: William Pine, 1770.
- _____. *The Works of John Wesley*, v. 19 – Journal and Diaries II (1738-1743). [editors: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdom Press, 1990.
- _____. *Works of John Wesley*, vol. 25 – letters. [Editor: Frank Baker]. Oxford: Clarendon Press, 1980.

Submetido em: 01/09/2023

Aprovado em: 17/11/2023